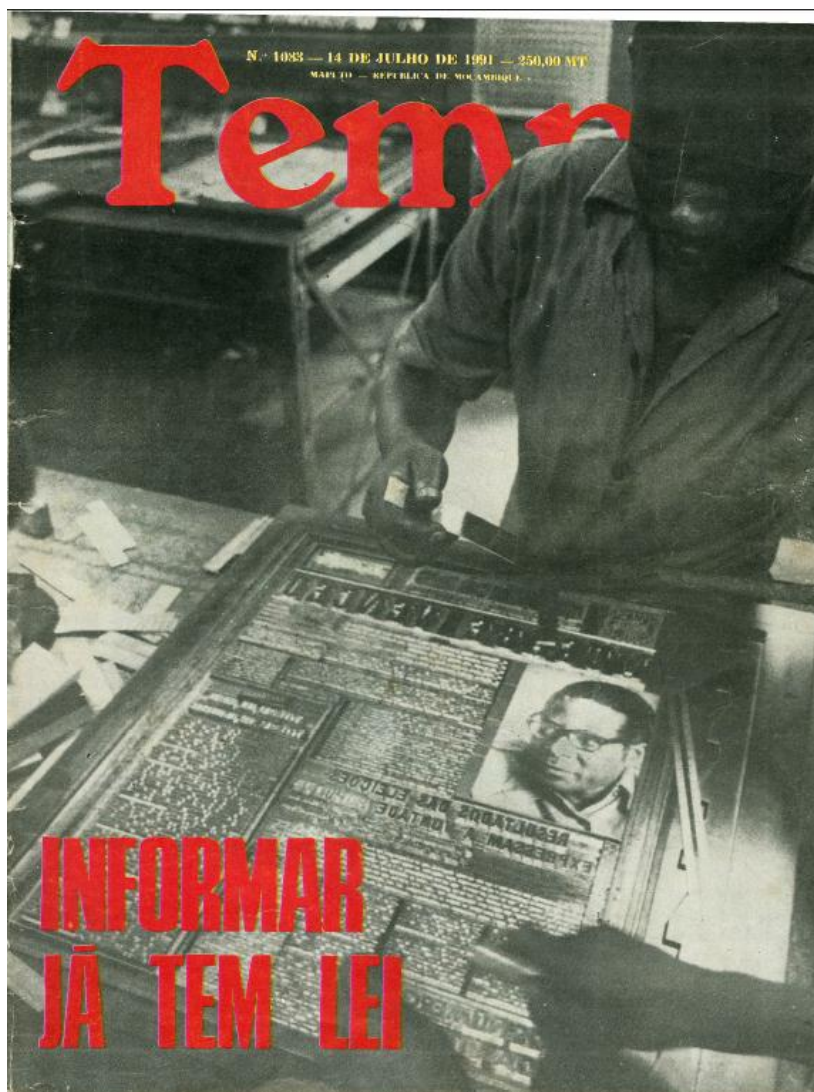


Línguas Bantu ou Línguas Bantas?

Em 1991, Feliciano Chimbutane publicou na revista *Tempo* o artigo *Línguas Bantu ou Línguas Bantas?*, no qual apresentava argumentos sobre a flexão do adjectivo *bantu/banto(a/s)*. O artigo suscitou algum debate entre os leitores, que publicaram na revista as suas opiniões, numa saudável dinâmica de interactividade entre o autor e o público leitor da revista.

Neste dossier *Línguas Bantu ou Línguas Bantas?*, disponibiliza-se o artigo de Feliciano Chimbutane assim como as contribuições de dois leitores, recolocando na ordem do dia uma questão linguística que permanece até hoje, ao mesmo tempo que se divulga o debate que provocou.



GAZETA

de Artes e Letras

365

COORDENAÇÃO
DE DANIEL DA COSTA

Ideiotopias

Línguas bantu ou línguas bantas?

POR FELICIANO CHIMBUTANE

No processo histórico de qualquer língua há sempre transformações que se vão operando de acordo com os diferentes momentos históricos e espaços geográficos em que ela é utilizada. Assim, vão entrando para a língua novos vocábulos, novas construções e, em contrapartida, outros vocábulos e construções vão caindo em desuso. E nesse sentido que, relativamente à língua portuguesa, por exemplo, se pode falar em «português arcaico» ou «português contemporâneo», conforme se trate de considerar esta língua num período já passado ou na sua fase actual.

O português é uma língua viva. Deste modo, é legítimo que o português falado em Moçambique seja diferente do que é falado no Brasil ou em Portugal, pois em cada espaço esta mesma língua é veiculado de uma cultura específica.

Se parece ser muito claro para a maior parte das pessoas que há um inglês britânico e um inglês americano, já não parece muito

bem-vinda a diferença entre o português falado em Moçambique e o português europeu ... Esta situação parece decorrer do facto de se ter adoptado, em Moçambique, o português europeu como padrão, na falta de uma sistematização do português falado em Moçambique que serviria de norma. A acontecer tal sistematização já se falará num «português de Moçambique» tal como hoje se fala no «português do Brasil».

Conscientes de que questões linguísticas são muitas vezes bastante polémicas, trazemos à luz a problemática do uso do termo «bantu/banto». Esta questão parece à partida muito insignificante, mas analisada atentamente pode acarretar grandes problemas.

Se a mesma questão não se põe no português europeu pois há apenas uma forma de uso, «banto», com variação em género e em número («banto, banta»; «bantos /bantas»), cá entre nós ele é legítimo.



Com efeito, quando olhamos para os documentos escritos no nosso país (incluindo os provenientes da Universidade) ou quando ouvimos um discurso em que se mencione o termo em causa, verificamos uma diferença de uso que, não raras vezes, nos põe interrogados. Por um lado, temos «bantu», sem variação nem em número nem em género e, por outro

lado, temos o mesmo termo «bantu», com variação quer em género quer em número («banto/bantas» e «bantos/bantas»).

Assim, para o caso em que a palavra é invariável, teríamos por exemplo: «homem bantu/homens bantu» e «mulher bantu/mulheres bantu». E para o caso em que a palavra é variável, teríamos: «homem banto/homens bantos» e «mulher banta/mulheres bantas».

Quais os argumentos que têm sido utilizados para se defender o emprego de uma ou outra forma?



1. Razões linguísticas

1.1. Línguas «bantu»

Muitos falantes têm considerado que, atendendo à origem linguística do termo em causa, seria redundante a sua flexão em número.

Passemos então a analisar a origem do termo «bantu»: Esta palavra foi usada pela primeira vez

por linguistas europeus (Bleek, 1862-9; Meinhof, 1932 e outros) para designar o conjunto de línguas da mesma família, com características comuns, faladas maioritariamente na África sub-equatorial, a sul de uma linha divisória que vai desde os montes Camarões (África Ocidental) até à foz do rio Tana (África Oriental).

A partir do método histórico-comparativo, Malcolm Guthrie chegou à conclusão de que estas línguas teriam uma origem comum. A essa língua-mãe, que teria dado origem a estas línguas, chamou «proto-bantu». O proto-bantu teria sido falado na região dos grandes Lagos, donde, segundo a História, os «bantu/bantos» se dispersaram em direcção ao sul do continente.

Segundo este autor, «ba-» seria, no «proto-bantu», o morfema do plural próprio da classe a que pertence o nome «ntu», que significa «pessoa». Então, «bantu» significaria «pessoas». Assim, Guthrie chamou a estas línguas com características comuns e que tem mais ou menos a mesma palavra para designar «pessoa», de línguas «bantu», isto é, traduzido literalmente (línguas) «de pessoas».

Com efeito, se analisarmos as palavras que nas línguas moçambicanas correspondem a «pessoa/pessoas» verificamos que em todas elas se encontram morfemas do plural equiparáveis ao prefixo «ba-»:

xitsonga — «mu nu (sing.) / vanu (pl.)»

gitonga — «mutu (sing.) / vatu (pl.)»

emakhwa — «mutthu / (sing.) / athu (pl.)»

De acordo com aqueles que defendem a não flexão da palavra em português, «bantu» já tem o morfema do plural, «ba-», próprio da classe a que pertence o nome «ntu». Logo, seria redundante afixar-lhe o morfema «-s» usado para a formação do plural dos nomes em português, pois assim a palavra ficaria com dois morfemas do plural, «ba-» e «-s».

Relativamente a esta posição gostaríamos de colocar a seguinte

questão: porque é que, quando se trata do singular, dizemos «língua bantu» e não «língua ntu», já que nesta situação não precisamos do morfema do plural «ba-»? Será que quando dizemos «língua bantu» estaremos a cometer um erro de concordância do tipo «língua moçambicanas»?

Se neste caso se considera que se está a respeitar a origem do termo, porque é que nunca ninguém disse que era errado dizer-se «timbilas», pois aqui também «ti-» é o morfema do plural em ci-chopi, cuja presença não impede que se afixe a palavra o morfema do plural para os nomes em português, «-s». Porque não dizer-se: «Tenho uma mbila/Tenho muitas timbila»?

Tal como esta palavra, podíamos citar tantas outras que ocorrem todos os dias no discurso em português falado em Moçambique: «magaiza (sing./magaizas (pl.)), «massala (sing./massalas (pl.))». Nestes casos, «ma-», o morfema do plural da classe a que pertencem os nomes «gaiza e sala», ocorre quer em situações em que as palavras são utilizadas no singular quer quando utilizadas no plural, e neste último caso, afixa-se ainda o morfema do plural em português «-s».

1.2. Línguas «bantas»

Aqueles que advogam a flexão da palavra consideram que não se pode explicar a sua não flexão sob o ponto de vista da morfologia da língua portuguesa pois «ba-», que na origem linguística da palavra é morfema do plural, nesta língua perde esta função. O facto de se dizer «língua bantu» e não «língua ntu» prova que o morfema «ba-» já não tem a função de marcar o plural mas é parte integrante do nome «bantu», registado no léxico português com o seguinte significado: «diz-se dos idiomas africanos cuja flexão se faz por meio de prefixos; etn. pl. os negros que falam esses idiomas» (in Dicionários do Estudante, Porto Editora).

Logo, «ba-» não pode já ser interpretado como morfema do plural pois, separado do radical «-ntu», já não tem a função acima indicada.



Dada esta situação, defende-se que a palavra em causa deve ser flexionada de acordo com o paradigma que regula, na língua portuguesa, a flexão dos nomes em género e em número. Assim, teríamos: «banto» (adj./subs. masc. sing.); «banta» (fem. sing.); «bantos» (masc. pl.); «bantas» (fem. pl.):

Tal como em 1.1., aqui também gostaríamos de colocar uma questão. A maior parte dos moçambicanos tem o português como língua segunda. Estes falantes têm como línguas maternas as línguas «bantu/bantas» em que faz sentido que «ba-» seja um morfema do plural. Deste modo, acré correcto adoptar-se exactamente aquela regra morfológica do português?

Se qualquer língua tem palavras «emprestadas» de outras línguas, o português não será uma excepção à regra. Algumas destas palavras «emprestadas» acabam obedecendo às regras do português. Tomemos como exemplos: «maquetizar»; «madala(s)»; «machimbombo(s)»; «mochila(s)». Mas outras, por razões nem sempre muito evidentes, são utilizadas sem sofrerem as transformações decorrentes das regras do léxico português, como por exemplo: «curriculum vitae»; «guichet»; «slogan»; «performance»;

«marketing»; «dólmén»; «habitat».

Deste modo, porque não incluir a palavra «bantu/banto» neste último grupo, já que está em causa a preservação da sua origem linguística? Porque não colocar a palavra «bantu» ao mesmo nível que: os «Khoi-Khoi»; os «San»; os «Mau-Mau» ... os «Bantu»?

2. Factores extra-linguísticos

2.1.

Uma das justificações para a não flexão do termo «bantu» decorre da «afirmação da dignidade africana» dentro da onda da «negritude» e da explosão do «nacionalismo africano».

Nos anos trinta e mais intensamente depois da segunda Guerra Mundial, o homem africano começa a interrogar-se sobre a sua origem procurando auto-afirmar-se através da valorização de elementos tipicamente africanos. Esta exaltação, apesar de algumas vezes ter levado ao exagero de negar tudo que fosse europeu, culminou com a «explosão do nacionalismo africano».

Podé supor-se que, dentro deste fio de pensamento, há aqueles que defendem que a palavra «bantu» não se deve flexionar de acordo com a regra de uma língua euro-

peia, o português, como forma de afirmação uma vez que flexioná-la seria retirar-lhe a sua raiz linguística e conseqüentemente a sua raiz cultural.

Teria sido dentro deste espírito que as autoridades deste país mudaram os nomes «Vilanculos» para «Vilankulu» e Manjacaze» para «Mandlakazi»?

2.2.

Há quem considere que a influência da língua inglesa no nosso país poderá ter contribuído para reforçar a tendência para a não flexão da palavra.

São dois os níveis desta influência: por um lado o factor geográfico — Moçambique faz fronteira com países de língua inglesa (oficial ou não), com os quais tem laços de vária ordem, incluindo o cultural; por outro lado, a maior parte dos documentos sobre as línguas «bantu/bantas», e os povos «bantu/bantos» com que lidamos em Moçambique estão escritos em inglês.

Assim, como em inglês o termo «bantu» não se flexiona, pode ter havido contaminação do português usado pelos moçambicanos, levando-os a adoptar uma regra do inglês.

Chegados a este ponto, urge mais uma vez questionar: flexionar ou não a palavra?

Não é fácil chegar-se a um consenso quando estão em causa questões como esta. Contudo, é um facto que tem que se procurar uma solução ainda que tenha oponentes ou seja posta em causa mais tarde. Ora, esta solução só pode advir dos falantes desta língua através das suas contribuições.

Embora se considere que a língua é exterior ao indivíduo, pois cabe à comunidade linguística decidir sobre ela, são os indivíduos que constituem essa mesma comunidade por isso são todos chamados a participar.

Não poderia ser este um tema sobre o qual as reflexões de cada um de nós podiam contribuir para se encontrar a solução que mais conviesse à nossa realidade social e cultural?

Debate *LÍNGUAS BANTU OU BANTAS?*

I – GERMANO MAÚSSE DIMANDE (*TEMPO* ó 29/09/91)

Eis o título que Feliciano Chimbutane escolheu para um texto seu publicado na nossa edição de 14 de Julho do corrente. Tendo verificado uma diferença de uso nos textos que mencionam a palavra *bantu/banto*, o articulista procurou sistematizar os argumentos que, por um lado, explicam o uso do termo em causa sem variação nem em número nem em género e, por outro lado, o seu emprego com variação quer em género como em número. Ficou assim aberto o debate. É na sequência disso que trazemos hoje a lume a contribuição de Germano Maússe Dimande.

Para começar gostaria de dizer que sou a favor da não flexão da palavra bantu.

Uma leitura ao alto do artigo do senhor Chimbutane levou-nos a pensar que todos têm razão, mas uma análise profunda do mesmo levar-nos-á a concluir que a palavra tem a sua origem em África, daí não poder serem adoptadas, para a sua análise, as regras morfológicas da língua portuguesa (língua europeia). Nesta ordem de ideias, o principal argumento dos que defendem a flexão da mesma é inválido pela simples razão de a palavra ser africana.

Em minha opinião, o historiador (?) Malcon Guthrie quando chegou à conclusão de que as línguas faladas nesta região tinham origem comum, não inventou o nome «**proto-bantu**», mas tirou-o ou ouviu-o de algum lado aqui nesta grande região africana. Por isso sugeria aos caros leitores para que nesta nossa reflexão tivéssemos em conta outras línguas africanas do grupo **bantu**. Vejamos os exemplos que nas suas línguas, da Suazilândia e África do Sul respectivamente, significam «pessoa /pessoas»:

SiSwati: muntfu (sing.) / bantfu (plu.)

SiZulu: muntu (sing.) / Bantu (plu.).

Acho que estes exemplos são elucidativos.

A língua não pertence a um único indivíduo (pessoa) mas sim a uma comunidade linguística (pessoas) e, portanto, não se pode considerar o singular do género «língua ntu» que na sua tradução seria «língua de (uma) pessoa». O correcto é «língua bantu» quando quiser referir-se a uma única língua, como por exemplo, o Bitonga. Este é o singular. Quando se fizer referência a várias línguas (plural) será «línguas bantu» com o morfema do plural na palavra «língua» como já se viu, mantendo-se a palavra «**bantu**», pois ela quer dizer apenas «pessoas».

Quanto à questão das palavras massala / massalas, timbila / timbilas, magaíza /magaízas e outras do género, digo que elas foram pura e simplesmente aportuguesadas e aceites pelos falantes da língua. Até diria que, modéstia à parte, estão em português de Moçambique, pois tenho a certeza que se falasse em Cabo Verde, por exemplo, de magaíza ninguém me iria entender. De resto, o facto de nunca se ter dito que estão erradas não quer dizer que estejam certas...

Sem querer fugir à palavra que está em jogo, gostaria de falar de uma palavra que também sofreu esta transformação. É o nome Catembe.

Atendendo à sua origem (Xi-Ronga /XiTsonga) o correcto é «Ka-Tembe» onde o prefixo «ka» pode significar «no (a) ou «à», próprio da classe a que pertence o nome «Tembe». Portanto, numa tradução literal significa «no Tembe» ou «à Tembe» onde subentende-se «à família (clã) Tembe» ou ainda «à casa do Tembe».

Da mesma forma que os falantes desta língua dizem Ka-Matsolo, Ka-Manhiça,

Ka-Maússe, já em português não se diz Camatola, Camanhiça, e por aí em diante, mas sim pelos nomes sobejamente conhecidos.

Este é pois, o exemplo de mais uma palavra que atendendo a sua origem estaria errada mas porque a comunidade linguística aceitou-a, depois de transformada, está certa.

Para terminar dizer que cabe a nós, africanos, defendermos a nossa dignidade como tal, dando a César o que é de César.

II – Autor (*TEMPO* ó 17/11/91)

Há pelo menos dois tipos de debates: os estéreis e os proveitosos. Ao primeiro grupo pertencem aqueles que assolaram a Escolástica, na sua agonia, quando se procurava saber quantos anjos se poderiam sentar na ponta de um alfinete e/ou a clássica questão de se o primeiro foi o ovo ou a galinha; incluo no segundo grupo, discussões como a que pôs frente à frente intelectuais como P.HOUNTONDI e K. C. ANYA NWU. O debate versava sobre a questão de « o que é a Filosofia Africana?», suposta a premissa da sua existência. É também deste grupo o debate proposto pelo senhor F. CHIMBUTANE («Tempo»n.º 1083, 14/07/1991).

1.1. Cada palavra: várias histórias

Até 1536, data admitida como sendo a do surgimento da primeira Gramática da língua portuguesa, por Fernão de Oliveira, já se falava e já se escrevia naquilo que era um caminho para o surgimento do que hoje se designa Língua Portuguesa. Daquele tempo para cá, a língua portuguesa tem se enriquecido com o vocabulário de outras línguas: zinco (do alemão), maestro (do italiano), cachimbo (da África), cafres (em vez Kafirs do árabe), etc. As palavras integradas, contudo, pautaram-se segundo as regras da língua portuguesa.

A fixação das grafias de algumas (e muitas) palavras em língua portuguesa deveu-se em grande parte ao confronto entre o Latim e as línguas locais (pensemos, por exemplo, no surgimento das línguas francesas, italiana, romena,...cada uma diferente da outra). Primeiro, portanto, o uso e só depois, a fixação.

A palavra «BANTU» exige, todavia, uma análise muito particular, atendendo à história da sua origem. Com efeito, a sua consagração, com aquela significação actual, provem de Wilhelm

H. I. Bleek (1827ó1875), filólogo alemão que durante muito tempo trabalhou na África do Sul, autor de, entre outras, «**Vocabulary of the Mozambique Language...**». Como termo, Bleek pretendia designar o conjunto de várias línguas africanas e não esta ou aquela língua particular. É gratuito achar que Malcon Guthrie foi buscar a terminologia «Proto-Bantu» «nesta grande região africana» Dimande; G.M., Tempo n.º 1093, 29/09/1991. Deve-se ter em conta a origem grega do prefixo «proto» (=primeiro, a). É compreensível que após estudo acurado, M. Guthrie tenha formulado a hipótese (porque é hipótese) da existência de uma língua, da qual se originaram as outras e por não se conhecer o nome atribuiu-se-lhe o de «proto-bantu». Assim, Xitsonga seria para o proto-bantu, o que o português é para o latim...

Passo a colocar alguns aspectos que me (nos) ajudam a reflectir:

1. Além de toda a comparação ser susceptível de muitos erros, esta entre a palavra «bantu» e a flexão doutras tantas (timbila, magaíza) o é ainda mais. No estudo da palavra «bantu», se quisermos ser consequentes com a etimologia não podemos evocar esta ou aquela língua:

Cicewa:
munthu(sing.) / wanthu (pl.)
Yao: mundu (sing.) / wandu (pl.)
Elomwe: mutxhu (sing.) / Atxhu (pl.)
Xitsonga: munu (sing.) / vanu (pl.) etc.;

já o disse «Bantu tem história própria e é muito mais genérica.

2. Ainda pela mesma razão, senão como um meio de colocação do problema, carece de utilidade confrontá-la com as palavras «curriculum vitae», «guichet», «slogan»...(agora há quem diga «slogans»!); tomemos o exemplo da palavra (ou melhor, expressão) «curriculum vitae»: esta emprega-se num contexto «técnico» muito limitado e várias são as maneiras de evitar, neste caso, aquelas interrogações do senhor F. Chimbutane: ó apresentação do «curriculum vitae» ó assim aparece nos anúncios; enfim é uma palavra mais pobre que a «bantu», quanto ao campo semântico daquele grupo pertencem: habitat, de facto, de iure, ipso facto, grosso modo, sui generis, status quo, idem, ibidem, in loco, apriori, aposterir, adlbitum, entre outras. A palavra «caritas» já está a assumir grafia portuguesa para resolver o problema de acentuação que o latim dispensa (na grafia)...outras palavras se impuserem mercê do poder económico ou diplomático dos estados que as usam... sei que a questão é muito mais complexa.

3. A diferença entre o «português de Portugal» e o «português do Brasil» é mais na existência de palavras (no Brasil, sobretudo) que noutra parte não existem; ou então na subtracção de um acento, uma consoante, acréscimo do trema ou doutros acentos...e também na pronúncia. Quanto às flexões, Brasil

parece não ter enveredado por um caminho diferente: ali se escreve: Batista, conseqüência, idéias, ação...(pl. conseqüências, ações...).

4. Não será demais observar que mesmo na língua portuguesa, há palavras de origem grega que considerada rigorosamente a sua etimologia estão mal formadas (lembra-lo o Prof. Dr. António Freire, in **Helenismos Portugueses**).

5. A língua inglesa falada por muitos países vizinhos é menos propensa a flexões, pelo menos verbais, e, como diz na introdução do seu **Pequeno Dicionário de Moçambique**, António Cabral: «o código de leis que a governa, (o inglês) é reduzido e não particularmente dracónico; nunca foi guardado como têm sido outras línguas europeias». É fácil entender que em língua inglesa não sofra flexões a palavra «bantu». A versão inglesa do livro do P. Tempels tem o título de «**Bantu Philosophy**» a traduzir o título francês «**La Philosophie Bantoue**». É lícito confrontar as seguintes expressões do interior do livro:

í nos bantous (fr.) ô our bantu (ing.)

í sagesse bantoue ô bantu wisdomí

Um outro livro, da autoria de François Lufaluabo tem o título de **Vers une Theodicée Bantoue**; da autoria do linguista ruandês, Alexis Kagame existe um livro com o título «**La Philosophie Bantoue Ruandaise de L'être**». Estas citações autorizaram-me a dizer que em língua francesa (novilatina e europeia como a portuguesa e com grande número de falantes em África), a palavra «bantu» sofre flexão; o mesmo não digo em relação à língua inglesa.

1.2. Nota Finais

1. A palavra «bantu» é, portanto, originária de línguas africanas. O morfema é A- Ba- Va, conforme a região e não são menos «bantu» os que formam o plural com A- e Va-. Mas a palavra quando passa para a língua portuguesa passa a seguir regras dessa língua. É verdade que a palavra não se torna indiferente como uma camisa que servisse a novos ou velhos sem precisar de qualquer modificação. A mesma sorte das palavras «macua», «lomué», «zulo», que são palavras de origem africana lusitanizadas, tem a palavra «bantu». Simplesmente neste caso a decisão não é só de Moçambique porque partilhada (a palavra em causa) com alguns povos de Angola, Ruanda (já foi referida a posição ainda que implícita dos africanos francófonos) e outras nações.

2. Não perdemos a dignidade quando começou a constar «lobolo» em vez de «lowolo» (como é correcto dizer). Nós

também pensamos «moçambicanamente»: Vou à Inglaterra (dizemos e não à Enlgand). Considero mais correcto afirmar «línguas bantas»; deve ser permitido dizer «língua bantu ou línguas bantu» subentendendo-se «dos», isto é «línguas (dos) bantu».

3. Seremos mais dignos cada vez que tivermos em conta o dinamismo da língua, cada vez que soubermos que influenciamos no vocabulário doutras línguas. A nossa dignidade aumenta no confronto entre culturas. Seria demasiada pobreza um zelo tão extremo, um etnocentrismo tão esclarecido que conduz, aliás ao etnocídio. Igualmente fatal seria a posição que defendesse a dignidade, apenas com base nos sentimentos sem se preocupar com as provas ou debate científico. O problema é deveras complexo.

Revista Tempo ó 17/11/91